

Cobertura indígena no jornalismo ambiental brasileiro e a narrativa transmídia do portal *Sumaúma*¹

Clara Aguiar da SILVA²

Leticia Menezes PASUCH³

Felipe Moura de OLIVEIRA⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O artigo analisa a narrativa utilizada pelo portal Sumaúma na cobertura do caso Yanomami, em que denuncia a invasão do garimpo, estupros, doenças e a morte de 570 crianças indígenas no Amazonas e em Roraima. Foram analisadas, com inspiração na análise de conteúdo (Bardin, 1977), publicações do dia 13 de setembro de 2023, estreia do portal, e de sua distribuição nas redes sociais (Facebook, Instagram e Twitter). Também discutimos em que medida as redes digitais têm auxiliado o Sumaúma na sensibilização pública sobre a causa indígena e, como nativo digital, como tem se apropriado dos recursos transmidiáticos das plataformas. A conclusão preliminar é que, embora aprofunde os temas das reportagens, ele ainda não utiliza todas as possibilidades que o ciberjornalismo, a narrativa transmídia e as redes sociais proporcionam.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo ambiental; jornalismo digital; narrativa transmídia; redes sociais.

INTRODUÇÃO

No contexto atual, marcado por uma sociedade em midiatização, é impossível dissociar o jornalismo das redes sociais. A revolução digital ocorrida no final do século XX alterou irremediavelmente o modelo de produção e de distribuição de notícias. Desde então, começou a ser debatida as potencialidades das novas plataformas de mídias sociais em contribuir para uma cobertura jornalística qualificada, contextualizada e aprofundada. No âmbito do jornalismo especializado na área socioambiental, a possibilidade da narrativa transmídia se apresenta como uma importante ferramenta para a conscientização pública acerca da relação entre direitos humanos e meio ambiente,

¹ Trabalho apresentado no IJ01 Jornalismo do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante de Graduação do 6º semestre Curso de Jornalismo da UFRGS. E-mail: claraaguiar14@hotmail.com

³ Estudante de Graduação do 6º semestre Curso de Jornalismo da UFRGS. E-mail: leticiampasuch@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - FABICO UFRGS e do Programa de Pós Graduação em Comunicação - PPGCOM/UFRGS. E-mail: felipecomunica@gmail.com

colaborando, assim, para o cumprimento da premissa maior a qual se dedica o jornalismo ambiental: conscientizar ambientalmente a população.

Nesse sentido, o presente artigo se propõe a analisar a cobertura realizada pelo portal *Sumaúma* sobre o caso Yanomami e como se deu os desdobramentos de sua distribuição no Facebook, Twitter⁵, Instagram, TikTok, Spotify e LinkedIn. Com base nos objetivos propostos, o método de abordagem é o qualitativo, e a metodologia da pesquisa é inspirada na análise de conteúdo com base em Bardin (1977) – embora nem todas as suas etapas sejam cumpridas, mas sim por meio da busca de ferramentas de conteúdo.

A escolha do tema do trabalho se deu pelo interesse e identificação pelo jornalismo ambiental e a temática indígena pelas autoras. Já a escolha do veículo foi pela admiração ao trabalho de uma das fundadoras, a jornalista e escritora Eliane Brum, por se dedicar às pautas da Amazônia e dos povos originários; também, após uma breve busca nos principais bancos de trabalhos científicos nacionais, foi identificado que o *Sumaúma*, por ser um projeto tecnicamente recente, ainda não foi objeto de estudo em pesquisas que abordem as intersecções entre jornalismo ambiental e ciberjornalismo, tal como é proposto neste trabalho.

No primeiro tópico, o artigo aborda o surgimento do jornalismo especializado em meio ambiente no Brasil, a partir do resgate histórico de momentos decisivos que revolucionaram a cobertura ambiental brasileiro. Em seguida, é analisada a cobertura de estreia *Sumaúma* sobre o caso Yanomami, em que o portal denunciou o cenário de invasão de garimpeiros, estupro e doenças na Terra Indígena (TI) Yanomami (AM-RR), que resultou na morte de 570 crianças indígenas.

Foram analisadas as produções veiculadas no site do *Sumaúma* no dia 13 de setembro de 2023, data de estreia do jornal, e as estratégias transmídias adotadas na distribuição desse conteúdo. Tais produções consistem-se em três reportagens intituladas “Por que os garimpeiros comem as vaginas das mulheres Yanomami?”⁶; “Nove crianças indígenas morrem sem atendimento de médicos, expulsos pelo garimpo”⁷ e “As

⁵ Desde julho de 2023, o logotipo e o nome da plataforma Twitter foram alterados para "X" por Elon Musk, proprietário da rede social.

⁶ Disponível em:

<https://sumauma.com/por-que-os-garimpeiros-comem-as-vaginas-das-mulheres-yanomami/>. Acesso em: 07 jul. 2023.

⁷ Disponível em:

<https://sumauma.com/nove-criancas-indigenas-morrem-sem-atendimento-por-doencas-facilmente-tratavei-s-afirma-hutukara-associação-yanomami/>. Acesso em: 07 jul. 2023.

mulheres gigantes de Ehuana Yanomami”⁸ e no texto de opinião “Bolsonaro despejou os garimpeiros em nossa terra”⁹. O foco maior recaiu sobre o Facebook, Instagram e Twitter, visto que há uma maior presença do *Sumaúma* nestas plataformas. Dentro dessa perspectiva, verificamos em que medida as redes sociais têm auxiliado o jornalismo produzido pelo *Sumaúma* na sensibilização pública sobre a questão socioambiental, em especial sobre a causa indígena. E como o jornal, considerado um nativo digital, tem se apropriado das potencialidades dos recursos transmidiáticos oferecidos por essas plataformas em suas coberturas. Para analisar a cobertura realizada pelo *Sumaúma*, utilizamos os conceitos de Cultura da Convergência e da narrativa transmídia (JENKINS, 2009); Sociedade em Mídia (BRAGA, 2012, 2018), e pressupostos da cobertura socioambiental (BUENO, 2007a, 2007b).

JORNALISMO AMBIENTAL NO BRASIL

No Brasil, a temática ambiental passou a ser percebida pelos jornais nos anos 1970 e 1980, a partir da repercussão das demandas trazidas pelos movimentos ambientalistas que emergiam no país. Na época, atos em defesa da preservação da Floresta Amazônica e dos direitos dos povos originários despertaram a atenção pública para os impactos negativos da ação humana no meio ambiente, para a degradação da natureza e para a justiça ambiental.

Acompanhando o contexto histórico marcado pelos empates organizados na Amazônia pelo seringueiro, sindicalista e ativista ambiental Chico Mendes¹⁰ e os protestos protagonizados pelo líder indígena e escritor Ailton Krenak¹¹, o jornalismo se deparou com uma pauta complexa e transversal. Ao perceber a necessidade de aperfeiçoar a cobertura jornalística de acontecimentos envolvendo as questões socioambientais, a

⁸ Disponível em:

<https://sumauma.com/as-mulheres-gigantes-de-ehuana-yanomami/#:~:text=As%20meninas%20foram%20aliciadas%20por,polu%C3%ADdo%20e%20uma%20terra%20revirada>. Acesso em: 07 jul. 2023.

⁹ Disponível em: <https://sumauma.com/bolsonaro-desepejou-garimpeiros-nossa-terra/>. Acesso em: 07 jul. 2023.

¹⁰ Nos anos 70, Chico Mendes mobilizou a comunidade de Xapuri (AC) a fazer barreiras com o próprio corpo para impedir a derrubada de árvores por madeireiros e pecuaristas na Amazônia. A prática ficou conhecida como “Empates”.

¹¹ No dia 4 de setembro de 1987, Ailton Krenak pintou o rosto com tinta de jenipapo enquanto discursava reivindicando políticas públicas para os povos indígenas no plenário da Assembleia Nacional Constituinte.

preocupação inicial recaiu sobre a necessidade de formar profissionais especializados para realizar a cobertura jornalística.

Nesse sentido, seminários começaram a ser realizados com o objetivo de expandir o debate acerca da responsabilidade do jornalismo em fornecer informação qualificada que contribuísse com o desenvolvimento de uma consciência ambiental na sociedade. A exemplo do promovido pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), em Brasília (DF), em 1989, voltado a jornalistas que cobririam a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, ocorrida no Rio de Janeiro, em 1992. A Rio-92, como ficou conhecida, reuniu milhares de jornalistas e foi um marco na consolidação do jornalismo ambiental no Brasil.

No entanto, embora a Rio-92 tenha impulsionado a formação de jornalistas capacitados e sensibilizados com a temática ambiental, também havia outro desafio: a limitação de recursos tecnológicos existentes para a concretização de uma cobertura jornalística ambiental que contemplasse a pauta em sua totalidade e mobilizasse efetivamente a população em prol da temática ambiental.

Até meados dos anos 1990, o processo de captação, produção, edição e circulação de informações ambientais se limitava aos meios de comunicação tradicionais: impresso, rádio e televisão. Nas primeiras décadas, o jornalismo ambiental foi sendo gradualmente incorporado com o surgimento de editorias de meio ambiente em jornais e revistas impressos e com a produção de séries de reportagens para a televisão sobre os diversos problemas socioambientais. Dessa forma, surge o jornalismo especializado. A especialização, segundo Belmonte (2020), visa a aprofundação temática, com foco, aprofundamento, linguagem diferenciada e profissionais especializados, mas sem definir o público; diferente da segmentação, que tem seu recorte de público e pode abranger diferentes assuntos (FERNANDES, 2017; BUITONI, 2013 *apud* BELMONTE, 2020).

Com o advento da Internet e do webjornalismo, foi criada a Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental, em 1998, que deu os primeiros passos para uma abordagem sistêmica das pautas. A RDBJA possibilitou a integração dos jornalistas interessados em meio ambiente de todas as regiões do Brasil, ampliando o debate, a troca de pautas, fontes e informações. A Internet é considerada por Trigueiro (2003, p.85) como “a mais moderna e revolucionária de todas as mídias, a Internet vem se revelando um poderoso

instrumento de pressão em favor de causas ecológicas”. Diante das especificidades do jornalismo ambiental, é necessário formatos midiáticos diversos para suprir a abordagem sistêmica que as pautas exigem. Nesse sentido, o webjornalismo apresenta vantagens quando se trata de propagar informações ambientais de forma qualificada, contextualizada e aprofundada.

A digitalização das redações, o advento da internet e a possibilidade das publicações de materiais multimídia e interativos marcam a considerada terceira - e atual - onda do jornalismo (BELL;OWEN, 2017), quando a transformação tecnológica migra para as plataformas, "que exercem tremenda influência sobre o que vemos e sabemos" (p. 52). A evolução dos recursos midiáticos e a inovação digital amplia, portanto, as possibilidades do trabalho especializado em jornalismo ambiental, contribuindo para, além da maior distribuição do conteúdo, que mais recursos possam atingir e sensibilizar a população sobre as questões socioambientais.

Três momentos marcam a história do jornalismo ambiental brasileiro, de acordo com Belmonte (2020): em 1970, com a crescente do movimento ambientalista e a imprensa alternativa; em 1990, com a busca de soluções para a sustentabilidade, marcado pelo enfraquecimento de ações combativas; e a partir de 2010, com o nominado “engajamento multimídia” acentuando ações de combate, “principalmente nos serviços jornalísticos que começam a publicar investigações de fôlego usando as novas formas de apurar e narrar disseminadas nos últimos anos como o jornalismo guiado por dados e a grande reportagem multimídia” (BELMONTE, 2020, p. 183).

Geraque (2018) aponta, no entanto, os riscos que o jornalista ambiental corre diante de transformações como a crise do jornalismo e a revolução do mundo digital. As dificuldades para realizar coberturas transversais e ter um olhar sistêmico tornam-se maiores, com a necessidade de se ter um olhar treinado, boas ferramentas em mãos e domínio das estratégias para levar suas reportagens até o leitor, telespectador, ouvinte ou internauta. É necessário ir além da superfície nos temas reportados, "sob pena de se fazer um Jornalismo sem interesse social" (GERAQUE, 2018, p.47). Os veículos utilizam esses recursos, portanto, para sensibilizar os leitores para tomada de decisões esclarecidas e para agir diante de determinadas circunstâncias.

Seguindo o apontamento elencado por Braga (2012, p. 44), o jornalismo no contexto de uma sociedade em midiatização “se faz por experimentação”, isto é, por meio de um

processo de “tentativa e erro” em experimentar diferentes formatos que visem uma efetiva atenção pública na internet no que se refere a interação, reação e repercussão do conteúdo divulgado.

Esse “fluxo adiante” acontece em variadíssimas formas – desde a reposição do próprio produto para outros usuários (modificado ou não); à elaboração de comentários – que podem resultar em textos publicados ou em simples “conversa de bar”; a uma retomada de ideias para gerar outros produtos (em sintonia ou contraposição); a uma estimulação de debates, análises, polêmicas – em processo agonístico; a esforços de sistematização analítica ou estudos sobre o tipo de questão inicialmente exposta; passando ainda por outras e outras possibilidades, incluindo aí, naturalmente a circulação que se manifesta nas redes sociais. (Braga, 2012, p. 39-40).

Nesse sentido, ao fazer essa “experimentação” de formatos, o veículo jornalístico pode ajudar a aprofundar e a contextualizar as suas reportagens, de modo a contribuir para uma melhor compreensão do acontecimento abordado e, ao mesmo tempo, cativar audiências dispersas no ambiente digital. Nas intersecções entre jornalismo, questões socioambientais e redes sociais, a evolução dos recursos transmidiáticos tem ampliado as possibilidades do trabalho especializado em jornalismo ambiental, contribuindo para uma maior distribuição da informação e sensibilização da população acerca das questões socioambientais.

Bueno (2007) afirma que o jornalismo ambiental deve ter “compromisso com o interesse público, com a democratização do conhecimento e com a ampliação do debate” (p. 36). Essa sensibilização, dentro de uma sociedade em midiatização, é possível ser alcançada por meio da soma de dois aspectos fundamentais em uma cobertura ambiental: que seja realizada por jornalistas especializados na área socioambiental e que haja esforços em uma distribuição transmidiática dessa produção.

SUMAÚMA: UM JORNALISMO ESPECIALIZADO NATIVO DIGITAL

*Sumaúma*¹² é um veículo brasileiro especializado em jornalismo ambiental. Com nome inspirado na árvore Sumaúma, a maior da floresta amazônica, o projeto foi idealizado em setembro de 2022 pela jornalista e escritora Eliane Brum e pelo jornalista britânico e

¹² <https://sumauma.com/> Acesso em 02 jul 2023.

editor de meio ambiente do jornal The Guardian Jonathan Watts. A sua sede fica em Altamira, no Médio Xingu (PA), e a produção de cobertura é feita diretamente da Amazônia.

Desde seu início com a premissa de ser um veículo baseado em um dos centros do mundo, o projeto começou como uma newsletter quinzenal produzida em três línguas - português, inglês e espanhol, com versão em áudio capitaneada por Elizângela Costa, indígena do povo Baré, de São Gabriel da Cachoeira (AM). O projeto, em parceria com a Rede Wayuri, de comunicadores indígenas, foi "concebida para respeitar a transmissão oral de conhecimento dos povos amazônicos" (*SUMAÚMA*, 2022).

Como atesta em seu manifesto, publicado em 13 de setembro de 2022:

SUMAÚMA não é apenas uma plataforma de meio ambiente nem de jornalismo ambiental. Nossa compreensão dos mundos não é compartimentada: entendemos que a crise climática atravessa todos os temas e é assim que deve ser tratada pelo jornalismo. É um prisma abrangente e não apenas mais um tópico. Só podemos cobrir a brutalidade de uma minoria humana capaz de provocar uma extinção em massa de espécies e colocar suas próprias crianças em risco de um futuro hostil se compreendermos que a guerra contra a natureza é configurada pelas relações de poder determinadas por raça, gênero, classe e também espécie. A crise climática é causada pelas desigualdades e as amplia, na medida em que os mais afetados por ela são os indígenas e os pretos, as mulheres e as tantas espécies a caminho da extinção. (*SUMAÚMA*, 2022).

Sumaúma se apresenta como veículo independente¹³, contra-hegemônico¹⁴ e que preza pela narrativa local, contada em diferentes perspectivas pelos povos que vivem na região, e “histórias que acontecem em outras partes do planeta a partir da floresta e da perspectiva de seus vários povos, assim como da melhor ciência do clima e da Terra. E trabalharemos para que essas histórias ecoem longe, colaborando para irrigar o debate público e para engrossar rios voadores de ideias capazes de se converter em ação.” (*SUMAÚMA*, 2022).

¹³ O *Sumaúma*, diferentemente de veículos tradicionais, não possui vinculação econômica ou editorial a grupos empresariais, não utiliza sistemas de faturamento publicitário e nem Paywall. O modelo adotado pelo portal é o de Crowdfunding, em que arrecada fundos por meio da plataforma de financiamento coletivo.

¹⁴ Embora o *Sumaúma* esteja inserido em uma disputa discursiva estabelecida entre a imprensa alternativa independente e a grande imprensa, não há intenção por parte das autoras em aprofundar esta discussão neste estudo.

O *Sumaúma*, como um veículo nativo digital – por nascer e existir apenas em ambiente digital, distribui seus conteúdos, além da Newsletter, para as plataformas Twitter, Instagram, Facebook, LinkedIn, TikTok e Spotify - Rádio *Sumaúma* – a última, quinzenalmente. Isso possibilita uma variedade de formatos para seus conteúdos jornalísticos, explorando diferentes características do webjornalismo que foram potencializadas na era digital. Canavilhas (2014), ao salientar que as publicações online modificaram o padrão de jornalismo tradicional, classificou sete características do webjornalismo que estabeleceram essa transformação. São elas: hipertextualidade, multimídia, interatividade, memória; instantaneidade; personalização e ubiquidade.

O portal conta com três versões de idiomas – português, inglês e espanhol. Além de seu manifesto, o portal conta com 8 seções. São elas: Diário de Guerra, Direitos da Natureza, Entrevista, Nossa Voz, Perspectiva, Reportagem, Resistência e Vozes da Floresta. Além dos conteúdos em texto, ganham destaque as produções com narrativas transmídias.

No contexto da Cultura da Convergência e da narrativa transmídia (JENKINS, 2009) caracterizadas pelo uso complementar de diferentes mídias pelos veículos de comunicação, o portal *Sumaúma* intrinsecamente se apropria dos princípios da narrativa transmídia para contar as suas histórias. Ao utilizar as potencialidades de cada plataforma, o veículo ajuda a aprofundar e a contextualizar as suas reportagens, de modo a contribuir para uma melhor compreensão do acontecimento abordado.

No Facebook e no Twitter, o *Sumaúma* prioriza o conteúdo nativo e usa estrategicamente imagens e vídeos, resultando, assim, em uma maior circulação de seus conteúdos. Pensar projetos transmídia no jornalismo implica, mais do que a utilização de diferentes mídias e plataformas, considerar o tipo de relações entre os conteúdos produzidos para cada uma delas. No caso da narrativa transmídia este processo começa pela pauta, pensada não mais para um único suporte. A pauta é instrumento para organização dos temas a serem abordados nos textos jornalísticos, fornecendo elementos que lhe deem coesão e coerência narrativa. Se na produção de um caderno especial projetava-se os subtemas a serem desenvolvidos em cada página do jornal, no modelo transmídia devem ser pensados que mídias ou plataformas desenvolverão

melhor este ou aquele aspecto temático, atentos aos apelos de cada linguagem: escrita, oral, visual, audiovisual, interativa, etc (MACEDO, 2018, p. 16).

No Instagram, o *Sumaúma* cumpre o seu propósito de apresentar a informação a partir do olhar dos povos originários ao produzir conteúdo com coautoria de personalidade indígenas por meio da ferramenta de "Collabs" entre usuários, disponibilizada pela plataforma com o objetivo de vincular um único conteúdo em duas contas diferentes. O mesmo ocorre no Tiktok. Com vídeos curtos e em formato vertical, o *Sumaúma* traz informação local em tempo real a partir de depoimentos de lideranças e influenciadores indígenas.

Braga (2018, p.253), ao refletir sobre a crescente "mídiatização social", relaciona o uso das mídias e a interação nesse campo com questões sociais, de modo que as novas tecnologias podem proporcionar interações diferenciadas e uma grande variedade de conteúdos, ações e estratégias que "podem servir a diferentes objetivos, enfrentamentos e urgências", de forma a apreender a sociedade. Essa afirmação pode ser relacionada ao trabalho da narrativa transmídia feita pelo portal *Sumaúma*. A ampliação ou o silenciamento do debate ambiental indígena na mídia é um importante fator para possibilitar que outras mobilizações sejam feitas na esfera pública e viabilizar que temas ambientais sejam pautados na agenda pública.

Com o caso Yanomami, o portal *Sumaúma*, que se apresenta como um veículo contra-hegemônico, reforça a importância da presença de questões ambientais nos conteúdos midiáticos, de pautar temas ambientais na agenda pública e ampliar a agenda ambiental para a formulação de políticas públicas a esses grupos sociais, visto que as comunidades indígenas, que protegem seus territórios e os defendem da violência, assassinato, desmatamento e exploração de recursos minerais dos territórios, são tradicionalmente invisibilizadas pela grande imprensa, salvo raras exceções. Impulsionar o debate e ter, nos veículos, profissionais preocupados e comprometidos a pautar os grupos sociais considerados invisibilizados, portanto, é crucial para que esse debate seja feito. E, a partir desse debate, mobilizar e impulsionar outros veículos – inclusive a grande imprensa – a pautar o caso Yanomami e as demais tragédias que envolvem a exploração de territórios originários, que já acontecem há tantos anos.

A NARRATIVA TRANSMÍDIA NA COBERTURA REALIZADA PELO SUMAÚMA NO CASO YANOMAMI

A conta do *Sumaúma* no Twitter (@sumaumajornal) foi criada em agosto de 2022, contanto, atualmente, com 17,1 mil seguidores. A distribuição da reportagem “Por que os garimpeiros comem as vaginas das mulheres Yanomami?” na plataforma se deu por meio de três tweets. No primeiro deles, postado no dia 13 de setembro de 2022¹⁵, apresenta uma breve chamada e um link que direciona o leitor à página da reportagem no site do *Sumaúma*. No segundo tweet, de 19 de setembro¹⁶, há uma breve chamada, menção ao perfil da autora da reportagem, link que direciona o leitor ao site e um vídeo-depoimento de uma mulher indígena denunciando a violência causada pelos garimpeiros às meninas Yanomami. No terceiro, postado em 22 de setembro¹⁷, percebe-se a soma de diferentes recursos disponibilizados pela plataforma: foram utilizados links, menção, hashtags e um vídeo-satélite mostrando a evolução do desmatamento feito pelo garimpo em áreas do território Yanomami.

Nos dois tweets dedicados ao texto de opinião escrito pelo líder Davi Kopenawa Yanomami “Bolsonaro despejou os garimpeiros em nossa terra”, publicados nos dias 15¹⁸ e 19¹⁹ de setembro, há o emprego de uma breve chamada, link e foto. Para a distribuição da reportagem “As mulheres gigantes de Ehuana Yanomami”, foram postados quatro tweets, um deles no dia 16 de setembro²⁰; dois no dia 17²¹ e o último no dia 21. Todos fazendo uso do compartilhamento de imagens atrativas, links, chamada em texto e menção aos autores, sendo um deles com o emprego de hashtags. Já no único tweet que divulga a reportagem “Nove crianças indígenas morrem sem atendimento de médicos, expulsos pelo garimpo”, de 24 de setembro, além da breve chamada e um link, o *Sumaúma* faz uso do recurso em foto e compartilha um infográfico sobre o fechamento de polos de saúde da região devido às ameaças do garimpo.

¹⁵ <https://twitter.com/sumaumajornal/status/1569723477623554048> Acesso em 6 jul 2023

¹⁶ <https://twitter.com/sumaumajornal/status/1571971322049171459> Acesso em 6 jul 2023

¹⁷ <https://twitter.com/sumaumajornal/status/1572926343641186306> Acesso em 6 jul 2023

¹⁸ <https://twitter.com/sumaumajornal/status/1570397119772774402> Acesso em 6 jul 2023

¹⁹ <https://twitter.com/sumaumajornal/status/1571914628480868355> Acesso em 6 jul 2023

²⁰ <https://twitter.com/sumaumajornal/status/1570774605928828928> Acesso em 6 jul 2023

²¹ <https://twitter.com/sumaumajornal/status/1571168284304674816> Acesso em 6 jul 2023

²² <https://twitter.com/sumaumajornal/status/1571169282016350209> Acesso em 6 jul 2023

Percebe-se que, no Twitter, o uso de conteúdo nativo foi o mais explorado pelo *Sumaúma* para a distribuição das reportagens de estreia sobre o caso Yanomami. No entanto, o portal não aproveitou todos os recursos oferecidos pela plataforma que potencializam a circulação dos conteúdos. A exemplo da thread (sequência de tweets) que ajudam a apresentar os desdobramentos dos fatos em conteúdo nativo, sendo um recurso auxiliar para a organização cronológica de reportagens e para o aprofundamento de determinados acontecimentos.

O Instagram teve sua primeira publicação no dia 19 de agosto de 2022²³, anunciando o *Sumaúma* como uma Plataforma Global de Jornalismo feita do centro do mundo. Hoje, a conta soma 69,5 mil seguidores. Em 13 de setembro de 2022, um post do Instagram anuncia a primeira reportagem de *Sumaúma*, "Por que os garimpeiros comem as vaginas de mulheres Yanomami?", teve quatro postagens no Instagram. A primeira, publicada no mesmo dia, 13 de setembro²⁴, com uma foto em que consta o título da matéria e uma arte por cima. Na legenda, uma chamada para a reportagem com um trecho do texto original. A segunda, no dia 17 de setembro²⁵, foi um carrossel de imagens de yanomamis, do fotógrafo Pablo Albarenga, com desenhos de mulheres yanomamis que representasse o que viam, passavam e sofriam nas mãos dos garimpeiros. Também, uma publicação do dia 22 de setembro de 2022²⁶, um carrossel com imagens de satélite que mostram a evolução do desmatamento feito pelo garimpo em três áreas do território Yanomami. As mesmas imagens de satélite da publicação na rede social estão também na reportagem do site. E, por fim, no dia 23 de setembro, um vídeo gravado pela repórter Talita Bedinelli²⁷ em que uma mulher indígena relata sobre os abusos de garimpeiros nas indígenas Yanomamis.

Referente à reportagem “Nove crianças indígenas morrem sem atendimento de médicos, expulsos pelo garimpo”, no dia 13 de setembro de 2022 um post²⁸ anuncia o título da reportagem com a foto capa do texto do site. Na legenda, a linha de apoio e os primeiros parágrafos da reportagem. Ao fim, o nome da repórter e o convite redirecionando a leitura para o link da bio e o uso de hashtags. No dia 24 de setembro, foi publicado

²³ <https://www.instagram.com/p/ChcayzXlgsG> Acesso em 10 jul 2023

²⁴ <https://www.instagram.com/p/CidX3owOWD0/> Acesso em 10 jul 2023

²⁵ <https://www.instagram.com/p/CinOT3sgW9Z/> Acesso em 10 jul 2023

²⁶ <https://www.instagram.com/p/CiztP-BsOup/> Acesso em 10 jul 2023

²⁷ <https://www.instagram.com/p/Ci3CoX1gySu/> Acesso em 10 jul 2023

²⁸ <https://www.instagram.com/p/CideuwXsoqK/> Acesso em 10 jul 2023

outro carrossel²⁹ – a sequência de imagens apresenta o crescimento de visitas de equipes de saúde aos Yanomami entre 2017 e 2021. Na imagem seguinte, dados sobre mortes de indígenas por armas de fogo entre 2014 e 2022. Na legenda, um trecho da matéria de Talita Bedinelli.

O texto de opinião de Davi Kopenawa, “Bolsonaro despejou os garimpeiros em nossa terra” contou com duas publicações no Instagram. A primeira, no dia 15 de setembro de 2022³⁰, com uma foto do indígena e o título do texto na imagem. Na legenda, os primeiros parágrafos da opinião. Ao fim, direcionado a leitura para o link da bio e hashtags. A segunda, no dia 19 de setembro³¹, com uma imagem tirada na região e a frase “Sigo lutando pela Amazônia, insistindo, não quero desistir. Eu não estou sozinho”, escrita por Davi Kopenawa. Na legenda, um trecho do texto, um convite para leitura na íntegra através do link na bio e um convite a apoiar o *Sumaúma*.

Quanto à matéria o dia 21 de setembro de 2022, com uma imagem de uma indígena Yanomami com a escrita “Com sua arte, a artista yanomami Ehuana confronta os ‘pequenos homens’ que violam as mulheres indígenas”³².

No Facebook, a reportagem “Por que os garimpeiros comem as vaginas das mulheres Yanomami?” teve, ao total, quatro publicações: duas no dia 13 de setembro 2022, anunciando a primeira reportagem do Sumaúma com o link³³ e um trecho do texto³⁴; no dia 17 de setembro, com uma galeria de fotos de Pablo Albarenga com desenhos de mulheres yanomami³⁵; e no dia 19 de setembro, com um vídeo³⁶ de uma mulher yanomami perguntando “Por que os garimpeiros comem as vaginas das mulheres Yanomami?”, e em 22 de setembro de 2022, com um vídeo de imagens de satélite da

²⁹ <https://www.instagram.com/p/Ci5QnstMPga/> Acesso em 10 jul 2023

³⁰ <https://www.instagram.com/p/Cihu-RjOWf7/> Acesso em 10 jul 2023

³¹ <https://www.instagram.com/p/CisltsgB1Et/> Acesso em 10 jul 2023

³² <https://www.instagram.com/p/CixTEM2M4cf/> Acesso em 10 jul 2023

³³

<https://www.facebook.com/sumaumajornalismo/posts/pfbid02xG5i7FdGfiAszMXQx4rTCGudtvW eUxLcuGhPyRqyh6WWDAo766KjRDU9unS5F5LMI>. Acesso em 15 ago 2023

³⁴

<https://www.facebook.com/sumaumajornalismo/posts/pfbid0QRtNhcNTrJ96R7uZwKDEYiJWPo ZjDbxJ2cRgDdvVFsRahiDkEobxKcQMdAA8fVZ2I>. Acesso em 15 agosto 2023

³⁵

<https://www.facebook.com/sumaumajornalismo/posts/pfbid02797qkj8my2gMV8TvMCtsmqjYHii vP3KBVFsLia5hvViRXCr5veJixYKti1HkVVuI>. Acesso em 15 agosto 2023

³⁶ <https://www.facebook.com/watch/?v=501399614678936>. Acesso em 15 agosto 2023

evolução do desmatamento pelo garimpo na região³⁷. A opinião de Davi Kopenawa ganhou duas publicações: uma dia 15 de setembro³⁸ e 19 de setembro³⁹, ambas com trecho do texto e convite a leitura na íntegra. “As mulheres gigantes de Ehuana Yanomami” teve publicação na rede social no dia 16 de setembro⁴⁰, com trecho do texto na legenda e o link da reportagem, e 21 de setembro⁴¹, com uma imagem e arte por cima. A reportagem “Nove crianças indígenas morrem sem atendimento de médicos, expulsos pelo garimpo” teve uma publicação no Facebook⁴², com o mesmos gráficos do Instagram sobre as visitas das equipes de saúde e mortes por arma de fogo no território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora seja um veículo nativo digital, percebe-se que o *Sumaúma* não tende a aproveitar todos os recursos oferecidos pela plataforma e que potencializam a circulação dos conteúdos. No Facebook, se limita à distribuição das reportagens do portal através do link que redireciona imediatamente para o site. No Twitter, ainda que o uso de conteúdo nativo tenha sido o mais explorado, não foram aproveitados todos os recursos oferecidos pela plataforma. A exemplo da thread (sequência de tweets) que ajudam a apresentar os desdobramentos dos fatos em conteúdo nativo, sendo um recurso auxiliar para a organização cronológica de reportagens e para o aprofundamento de determinados acontecimentos. Tal recurso não foi explorado nas produções de estreia do *Sumaúma*. No Instagram, as postagens se deram, em sua maioria, pela replicação dos conteúdos das reportagens analisadas, com trechos retirados do texto na legenda, pelo emprego de hashtags e pelo convite à leitura através do link da bio. O destaque se deu pelo uso de carrosséis – ferramenta de publicação de sequência de fotos de até dez imagens e vídeos simultaneamente – em três postagens, e o recurso de vídeo em uma.

³⁷ <https://www.facebook.com/watch/?v=767925371136726> Acesso em 15 agosto 2023

³⁸ <https://www.facebook.com/sumaumajornalismo/posts/pfbid033Ugoi6FRpnEQv5kArFZjonPJLEZf9GSVM4eRLL1s7iS23KpSADgXx2Wxjqh1qVPI> Acesso em 15 agosto 2023

³⁹ <https://www.facebook.com/photo/?fbid=123667557120039&set=a.118435724309889> Acesso em 15 agosto 2023

⁴⁰ <https://www.facebook.com/sumaumajornalismo/posts/pfbid0erYaNFPt6CDDif5oezX32Zc1BiHEw55tqwLzb1wtzKFWm2f5m1NfATFcd4GS2sWl> Acesso em 15 agosto 2023

⁴¹ <https://www.facebook.com/sumaumajornalismo/photos/a.118435724309889/124166180403510/> Acesso em 15 agosto 2023

⁴² <https://www.facebook.com/photo/?fbid=124995360320592&set=pcb.124995386987256> Acesso em 15 agosto 2023

Apesar da conta fazer a utilização de reels – que consistem em vídeos curtos gravados na vertical e que combinam áudio, imagens, textos e efeitos visuais, em diversas publicações desde a criação do portal até agora, não foram encontradas publicações durante o período analisado pelas autoras. A conclusão preliminar é que o portal *Sumaúma*, embora aprofunde os temas das reportagens, ainda não utiliza todas as possibilidades que o ciberjornalismo, a narrativa transmídia e as redes sociais permitem. Considerando a temática socioambiental como uma pauta complexa e transversal, é necessário pontuar que, na era digital, a ausência de uma cobertura com narrativas transmídias não contribui de forma eficaz para a conscientização da problemática. No caso *Sumaúma*, é possível fazer algumas ressalvas, como a possibilidade de não haver, na época da criação do portal e na estreia das reportagens, uma equipe específica para as redes sociais. Por outro lado, se tratando de um portal que tem como proposta visibilizar as vozes dos povos da floresta, o *Sumaúma* ainda não possui um plano estratégico transmídia que vise uma maior conscientização pública sobre as questões socioambientais, com base na análise das autoras da distribuição da cobertura do caso Yanomami realizada pelo portal nas plataformas de mídias sociais.

REFERÊNCIAS

BEDINELLI, Talita. **“Por que os garimpeiros comem as vaginas das mulheres Yanomami?”**. Sumaúma, 2022. Disponível em: <https://sumauma.com/por-que-os-garimpeiros-comem-as-vaginas-das-mulheres-yanomami/>. Acesso em: 07 jul. 2023.

_____. **Nove crianças indígenas morrem sem atendimento de médicos, expulsos pelo garimpo**. Sumaúma, 2022. Disponível em: <https://sumauma.com/nove-criancas-indigenas-morrem-sem-atendimento-por-doencas-facilmente-trataveis-afirma-hutukara-associacao-yanomami/>. Acesso em: 07 jul. 2023.

_____. **As mulheres gigantes de Ehuana Yanomami**. Sumaúma, 2022. Disponível em: [https://sumauma.com/as-mulheres-gigantes-de-ehuana-yanomami/#:~:text=As%20meninas%20foram%20aliciadas%20por,polu%C3%ADdo%20e%20uma%20terra%20revirada](https://sumauma.com/as-mulheres-gigantes-de-ehuana-yanomami/#:~:text=As%20meninas%20foram%20aliciadas%20por,polu%C3%ADdo%20e%20uma%20terra%20revirada.). Acesso em: 07 jul. 2023.

BELMONTE, Roberto Villar. O jornalismo ambiental: três perspectivas em cinco décadas de especialização no Brasil megadiverso. Tese - Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

BELL, Emily; OWEN, Taylor. A imprensa nas plataformas: como o Vale do Silício reestruturou o jornalismo. *Revista de Jornalismo ESPM*, v. 6, n. 20, p. 48-83, 2017. Disponível em: <https://academiccommons.columbia.edu/doi/10.7916/D8D79PWH>.

BUENO, Wilson da Costa. *Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa*. São Paulo: Majoara, 2007a.

_____. *Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 15, 2007b. p. 33-44.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: Mattos, Maria ngela; Janotti Junior, Jeder; Jacks, Nilda. (Org.). *Mediação & Mdiatização*. 1ed. Salvador/Brasília: EDUFBA/COMPÓS, 2012, v. , p. 31-52. Disponível em: http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20180205111302.pdf Acesso em: 15 ago. 2023.

BRAGA, José Luiz. Redes sociais digitais e sistemas de relações. In: Ferreira, Jairo; Gomes, Pedro Gilberto; Fausto Neto, Antonio; Braga, José Luiz; Rosa, Ana Paula. (Org.). *Redes, Sociedade e Pólis: recortes epistemológicos na midiatização*. 1ed. Santa Maria, RS: FACOS/UFSM, 2020, v. 1, p. 251-268.

GIRARDI, Ilza; MORAES, Cláudia Herte de; LOOSE, Eloisa Beling; BELMONTE, Roberto Villar (org.). *Jornalismo Ambiental – teoria e prática*. Porto Alegre: Editora Metamorfose, 2018. Disponível em: <https://www.editorametamorfose.com.br/ebooks/EbookJornalismoAmbiental.pdf>. Acesso em 01 jul. 2023

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2009. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/3428514/mod_resource/content/3/intro-cultu-conv er.pdf. Acesso em 01 jul. 2023

YANOMAMI, Davi Kopenawa. **Bolsonaro despejou os garimpeiros em nossa terra. Sumáuma, 2022.** Disponível em: <https://sumauma.com/bolsonaro-desepejou-garimpeiros-nossa-terra/>. Acesso em: 07 jul. 2023.